

Especial Rumos da economia

Campanha municipal Partidos da base governista preparam discurso anti-PT para conquistar o eleitorado

Eleições afastam Congresso do Planalto

César Felício e Cristiano Romero
De Brasília

As eleições municipais deste ano deverão distanciar o Congresso Nacional do Palácio do Planalto. A disputa eleitoral só não deverá ter consequências para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Legislativo porque a pauta na Câmara e no Senado estará esvaziada. O diagnóstico é compartilhado tanto por oposicionistas quanto por dirigentes da situação no Congresso.

"Eleição sempre aquece os debates, com o deputado repercutindo aqui o sentimento das bases", afirma o presidente do PTB, deputado Roberto Jefferson (RJ). Cerca de 25% dos deputados devem se candidatar a prefeito nas próximas eleições. Boa parte dos 75% restantes participará da campanha de maneira indireta, prestando apoio a candidatos às prefeituras e câmaras de vereadores.

"Mesmo quem apóia o governo terá que construir um discurso anti-PT se quiser ter sucesso na eleição. Isto poderá nos ajudar", afirma o deputado Pauderney Avelino (PFL-AM), vice-líder do partido. Um exemplo de como esse afastamento se dará foi dado pelo deputado Pedro Corrêa, presidente nacional do PP, partido que oficialmente integra a base de apoio do governo.

O dirigente relatou a interlocutores que recebeu recentemente uma pesquisa sobre intenção de voto em Igarassu, cidade da região metropolitana do Recife, onde o PP pretende disputar a eleição. A sondagem mostrou que o governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos (PMDB), supera Lula em popularidade no local. A base de Jarbas é

adversária do PT no Estado. Diante deste quadro, aumentou a tendência de o PP montar um candidato hostil ao PT, buscando o apoio do governador.

Exemplos como esse tendem a se repetir em outros municípios. A aliança que apóia Lula no Congresso é a mais ampla da história do País, mas não se reproduz nos municípios. O PT começa a perder o apoio eleitoral até de parceiros tradicionais, como o PC do B e o PSB. Os comunistas, por exemplo, enfrentarão o PT em Manaus, Fortaleza, Salvador e Rio de Janeiro. Uma aliança do PSB com o PT em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife também está descartada.

Com os novos aliados, o distanciamento é ainda maior. O resultado são casos como o Rio de Janeiro, onde PL, PP, PMDB, PC do B, PSB e PPS tendem a ter candidatos próprios, isolando o PT. Com o partido do governo representado em todas as principais cidades e encarregados da defesa de Lula, seus aliados em Brasília terão que construir o discurso oposto em suas bases.

O quadro só não terá repercussões porque o Congresso caminha para o esvaziamento ao longo deste ano. "O trabalho legislativo vai se manter no segundo semestre apenas em razão das medidas provisórias. Os outros assuntos aguardarão o próximo ano", afirma Avelino.

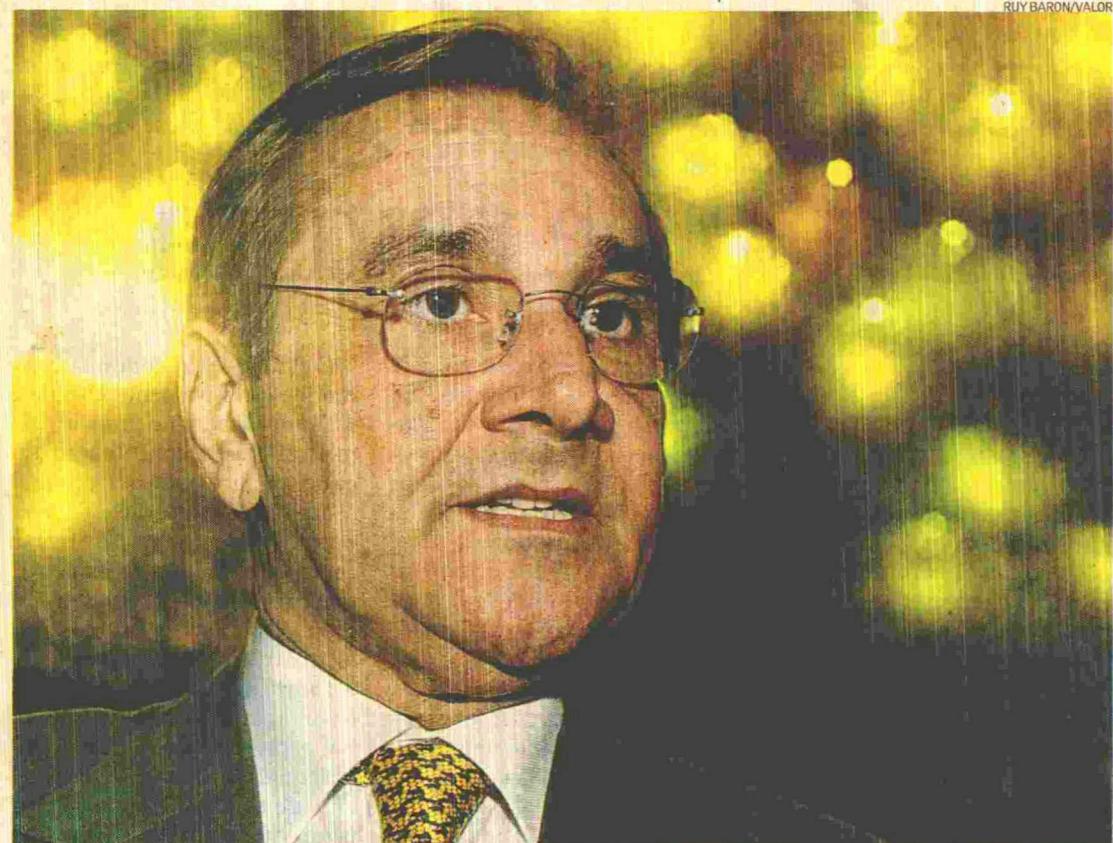
Além dos problemas que a eleição deverá trazer para o relacionamento do governo com a sua base de apoio, há outras preocupações quanto aos possíveis impactos da eleição sobre os rumos do governo a partir de 2005. Antes da crise política provocada pelo caso Waldomiro, o

otimismo em relação ao desempenho eleitoral do PT neste ano imperava. A crise, agravada pela frustração provocada pelo fraco desempenho da economia nos primeiros quatro meses do ano, mudou as expectativas.

"Se o PT sofrer um golpe muito duro, o desgaste natural pelo qual todo governo passa, o desgaste não tão natural que vem sofrendo desde o fim do ano e mais ainda a resposta que receber das urnas, tudo isso tornará o governo mais frágil, mais vulnerável a exigências por parte de seus aliados e muito mais dependente de qualquer tipo de apoio que possa ter até o fim do mandato", diz o cientista político Cláudio Couto, professor da PUC de São Paulo.

Na avaliação de governistas e oposicionistas, uma derrota do governo na eleição da capital paulista será um golpe difícil de ser absorvido. Na opinião de Sílvio Pereira, secretário-geral do PT e coordenador do GTE (Grupo de Trabalho Eleitoral) do partido, mesmo que vença em outros municípios e capitais, o partido do governo sairá derrotado da disputa se perder em São Paulo.

A identificação entre o governo Lula e a prefeita Marta Suplicy é muito forte, diz Sílvio. Segundo ele, a derrota de Marta obrigará o governo a se reorganizar. A avaliação é muito parecida com a de um dos líderes da oposição. "Nunca houve na história recente do país um governo tão identificado com um partido, como o PT com o governo Lula. Os candidatos do PT vão ter um resultado à altura do presidente, da qualidade do governo", prevê o senador José Agripino Maia (RN), líder do PFL no Senado. "Se a qualidade do governo for percebida pelo



Senador José Agripino Maia (PFL/RN): "Quanto maior a cidade, maior a componente nacional na definição do voto"

eleitor como boa, Lula vai ser um grande eleitor e o PT, como sigla, vai ajudar seus candidatos."

O presidente do PT, José Genoino, chegou a afirmar que a federalização dos temas da campanha deste ano prejudicaria os candidatos da oposição. Isso ainda pode ser válido para as pequenas cidades e para as regiões distantes dos grandes centros urbanos. As pesquisas eleitorais mostram que, nas regiões metropolitanas, os eleitores estão preocupados com o aumento da violência, a alta do desemprego e com os problemas de saúde. Nas capitais, o fraco desempenho nessas três áreas está sendo

sendo atribuído em grande parte ao governo federal. "A componente nacional vai existir. É difícil saber se será preponderante, mas quanto maior o tamanho da cidade, maior a componente nacional na definição do voto. Este é um fato certo", diz Maia.

Aliado crítico do governo, o presidente do PPS, deputado Roberto Freire (PE), acredita que o governo caminha para um desempenho "sofrível" nas eleições. Uma provável derrota, diz, ajudará a mudar os rumos da administração petista. "Como gosta de dizer o presidente, em time que está ganhando não se mexe. Já no que está perdendo...", ironiza Freire.

Couto, da PUC-SP, teme que, diante de uma derrota eleitoral em outubro, o governo se enfraqueça a ponto de não conseguir mais reagir. "Nesse cenário, o governo corre o risco de 'sarneyização'", diz o cientista político.

Mesmo na oposição, o senador Maia se preocupa com o abalo que uma derrota pode causar no estado de ânimo de Lula. "Temo pelo equilíbrio do próprio presidente, que é uma pessoa que repto bem-intencionada. Ele deve estar sofrendo com as vrias que tem sofrido por onde anda. A derrota municipal será um desalento para o ânimo do presidente e do governo", prevê o líder do PFL.